

Eduardo Ribeiro Mundim

Transgêneres:
uma pequena introdução ao tema

AMOSTRA



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

*Sou imensamente grato à Igreja Betesda, nas
pessoas dos Pastores Ricardo Gondim, Sílvia
Geruza e Walter Pinheiro pela oportunidade
de ministrar àquela comunidade a meditação
“Transgêneros: ouvir, apreender, acolher”, em 30
de setembro de 2023. Este texto é uma revisão
do que foi falado nesta oportunidade ímpar,
e que muito significado trouxe para a minha
caminhada.*

SUMÁRIO

Palavras Iniciais, 9

Transgêneros: questões prefaciais, 13

Como Barreiras são Quebradas, 19

Compreendendo o Contexto Cultural Cristão, 25

Conceitos Básicos, 29

Transgêneros Falando Sobre Si, 33

O Sofrido Processo da Única Escolha que Existe:
Assumir para Si e para o Mundo, sua Condição, 37

Pessoas Cisgêneros e Pessoas Transvestegêneros, 41

Discursos & Discursos, 45

Observações Finais, 49

Algumas Perguntas e Algumas Possíveis Respostas, 53

PALAVRAS INICIAIS

Como você se apresenta a quem não conhece? Provavelmente, diz seu nome, frequentemente completo. Quando apropriada, a profissão é acrescentada. Quando há maior intimidade, vão os nomes das demais pessoas da família. Algumas informações são assumidas como desnecessárias; entre elas, sexo, gênero, orientação afetiva. Afinal, supostamente, o sexo é óbvio. E, culturalmente, é sinônimo de gênero. O rosto, o porte, o comportamento, as roupas, a forma de falar, o gênero, é óbvio, assim como o sexo. Quanto à orientação afetiva e sexual, com tanto preconceito, melhor não informar. Assume-se a heteroafetividade para não haver problemas. E essa atitude é tomada na ignorância de um fato: com os números atualmente disponíveis, a chance de uma pessoa LGB (lésbica, gay ou bifaetiva) ser encontrada é de uma a cada cinco, duas em cada dez.

A identidade carrega múltiplas informações, muito além daquelas expressas na cédula. Algumas são escolhas pessoais, que podem ter sido conscientes ou não. Também podem ter sido voluntárias, ou não. O que as une, em quaisquer das quatro combinações possíveis, é a rastreabilidade. Ou seja, é possível identificar uma cadeia de eventos que resultou em uma decisão: estado civil, geração de descendência, profissão, ocupação. Igualmente, é possível compreender a família na qual se chega, o local de nascimento e relacionamento parental nas fases iniciais.

Entretanto, há questões identitárias que não são explicáveis ou rastreáveis, como a orientação afetiva e a identidade de gênero. Pergunte-se: quando foi que me assumi uma pessoa

heteroafetiva? Quando foi que assumi meu gênero? Você é capaz de rastrear sua história para compreender como decidi esses dois aspectos de sua identidade? Houve algum instante em que esta escolha lhe foi apresentada? Ou, melhorando a questão, há, na sua memória, a recordação do momento em que escolheu a família em que nasceria ou a naturalidade? Como comentado, alguns desses aspectos são rastreáveis, mas há, na memória, o momento em que lhe foram apresentadas as opções existentes de gênero, genitália e orientação afetiva?

Se você não consegue responder a essas duas “simples” questões, por qual razão questiona as pessoas transvestegêneres com elas? Quando você faz assim, parte de uma ideia preconcebida, preconceituosa. Os dois termos são sinônimos, explicam-se mutuamente.

Concepção¹ é “ponto de vista, maneira de ver, sentir, interpretar algo”. Conceito² é “o modo de pensar sobre algo, o que se concebe sobre algo”. Na filosofia, “a representação mental ou linguística de qualquer objeto concreto (seres inanimados ou animados) ou abstrato (ideias, situações, vivências), que significa para a mente o próprio objeto no processo de sua identificação, descrição e classificação”.

Preconcepção é o conceito antecipado, o ponto de vista antes de se conhecer do que se fala. Preconceito é o conceito que se tem sem julgamento e sem reflexão.

Quando uma pessoa transvestegênera é inquerida sobre quando decidiu ser trans ou quando se interroga uma pessoa bifetiva sobre quando decidiu ser, há duas possibilidades. A pergunta nasce sem um processo consciente, automático ou de um processo previamente intelectualizado. Na primeira situação, é repetido o conhecimento que vai progressivamente sendo internalizado ao longo do crescimento pessoal e social. Algo que não é explicado, apenas transmitido como “o mundo é assim” ou “Deus quis assim”. Não é objeto de

discussão. Afinal, como lutar contra o mundo ou contra a vontade divina?

Na segunda situação, a pergunta nasce de um processo elaborado. Já não mais o mundo que é, ou a vontade manifesta da divindade, mas uma conclusão a partir de um determinado número de informações que justificam o ponto de vista, o modo de pensar sobre.

Assumir como fato inquestionável que o “mundo é assim” é uma postura de fé, pois a história mostra que situações normalizadas em uma época deixaram de ser em outra, como, por exemplo, a escravidão. Situação tida como normal na maior parte da história humana³ e que nos últimos duzentos anos passou a ser anormal, aviltante, absurda, desumana.

Afirmar que “isso é vontade de Deus” é, inquestionavelmente, postura de fé. De qual divindade se fala? Há milhares de sistemas religiosos no mundo, cada qual com pessoas genuinamente crentes e religiosas. Portanto, é necessário definir de qual delas se fala. A partir dessa definição, cabe a pergunta: por que você entende, na sua religião ou crença, que é vontade divina? Foi uma revelação pessoal a você, que não foi dada a mais ninguém? Ou é sua conclusão a partir da análise de algum texto sagrado, ou de reflexões de outras pessoas da mesma fé? E por qual razão sua conclusão é a única possível e todas as outras erradas, inexatas, falsas?

Desnecessário explicar a relevância dele. Afinal, pessoas trans, e todo o segmento LGBTQIAPN+, estão nas mídias sociais, na imprensa “escrita, falada e televisiva”. São alvos de projetos de lei municipais, estaduais e federais. São consideradas “uma ameaça à família, à pureza das crianças”.

Pessoas LGBTQIAPN+ evocam preconceções, preconceitos. Um dos objetivos deste trabalho é tratar algumas dessas questões, incentivando você a se inteirar melhor sobre o assunto.

Notas de fim

- 1 <https://aulete.com.br/concep%C3%A7%C3%A3o>.
- 2 <https://aulete.com.br/conceito>.
- 3 Recomendo a leitura da obra “Escravidão”, da autoria de Laurentino Gomes.

AMOSTRA

TRANSGÊNERES: QUESTÕES PREFACIAIS

A identidade de gênero é um dos temas mais discutidos na sociedade contemporânea, trazendo reflexões importantes sobre identidade, direitos e inclusão. No centro dessa discussão estão as pessoas transgêneras, cuja vivência desafia as normas de gênero estabelecidas historicamente.

O termo “transgênero” refere-se a pessoas cuja identidade de gênero não corresponde ao sexo que lhes foi atribuído ao nascer. Isso pode incluir pessoas que se identificam como homens ou mulheres trans, bem como aquelas que não se enquadram no sistema binário de gênero, como pessoas não binárias e de gênero fluido.

A história da transgeneridade não é recente. Há registros de pessoas com identidades de gênero diversas em diferentes culturas e períodos históricos. Civilizações como as dos indígenas norte-americanos, hijras na Índia e muxes no México reconhecem a existência de identidades além do binário masculino e feminino.

A compreensão da transgeneridade tem evoluído ao longo do tempo. No passado, a medicina e a psicologia frequentemente tratavam pessoas trans como indivíduos com distúrbios, mas hoje há um reconhecimento crescente de que a identidade de gênero é parte da diversidade humana e deve ser respeitada.

O processo de transição de gênero pode incluir mudanças sociais, hormonais e, em alguns casos, cirúrgicas. No entanto, nem todas as pessoas trans passam por todos esses processos, pois cada trajetória é única e depende de fatores pessoais, sociais e econômicos.

A transfobia, ou discriminação contra pessoas trans, ainda é um problema sério em muitas partes do mundo. Esse preconceito pode se manifestar em forma de violência, exclusão social, dificuldades no acesso ao trabalho e à saúde, entre outros desafios.

No campo dos direitos humanos, avanços têm sido conquistados em vários países. Em algumas nações, já é possível a retificação de nome e gênero em documentos oficiais sem a necessidade de cirurgia ou diagnóstico médico, garantindo maior autonomia às pessoas trans.

A inclusão de pessoas trans no mercado de trabalho ainda enfrenta desafios. Muitas enfrentam dificuldades em processos seletivos e discriminação dentro do ambiente corporativo. Empresas que adotam políticas de diversidade e inclusão contribuem para um ambiente mais justo e igualitário.

A saúde da população trans também precisa ser abordada com seriedade. O acesso a tratamentos hormonais, acompanhamento psicológico e cirurgias de afirmação de gênero são direitos fundamentais, mas muitas vezes são dificultados por barreiras institucionais e preconceito.

Na educação, a presença de alunos trans nas escolas e universidades tem levantado debates sobre a necessidade de políticas inclusivas. O uso do nome social e o respeito à identidade de gênero são passos essenciais para garantir um ambiente educacional acolhedor.

A mídia tem um papel fundamental na construção de narrativas sobre pessoas trans. Representações autênticas e positivas ajudam a desconstruir estereótipos e ampliar a compreensão da sociedade sobre a diversidade de gênero.

A espiritualidade e a religião também influenciam a percepção da transgeneridade. Enquanto algumas comunidades religiosas acolhem pessoas trans, outras ainda mantêm

discursos excludentes. A fé, no entanto, continua sendo uma parte importante da vida de muitos indivíduos trans.

A relação entre transgeneridade e feminismo tem gerado debates dentro dos movimentos sociais. Algumas correntes feministas defendem a inclusão de mulheres trans na luta contra o patriarcado, enquanto outras ainda questionam essa participação.

A violência contra pessoas trans é uma das formas mais cruéis de discriminação. Dados estatísticos apontam que a expectativa de vida de pessoas trans é reduzida em comparação à média da população, devido à violência e à marginalização social.

A legislação sobre os direitos das pessoas trans varia amplamente pelo mundo. Alguns países garantem proteção legal e direitos iguais, enquanto outros criminalizam ou restringem a expressão de gênero.

A juventude trans enfrenta desafios específicos, como o bullying escolar, a rejeição familiar e a falta de acesso a informações adequadas sobre identidade de gênero. O suporte da família e da comunidade pode fazer grande diferença no bem-estar desses jovens.

A terceira idade trans também precisa de atenção. Muitas pessoas trans idosas enfrentam isolamento social, dificuldades no acesso à saúde e falta de apoio institucional.

As redes de apoio desempenham um papel essencial na vida das pessoas trans. Grupos comunitários, organizações não governamentais e coletivos trans ajudam a fornecer suporte emocional, jurídico e profissional.

A terminologia em torno da transgeneridade continua em evolução. Novos termos surgem para descrever diferentes experiências de identidade de gênero, refletindo a diversidade existente dentro dessa comunidade.

A interseccionalidade é um conceito importante na discussão sobre transgeneridade. Fatores como raça, classe, deficiência e orientação sexual influenciam as experiências das pessoas trans e as desigualdades que enfrentam.

A participação de pessoas trans na política tem crescido. Candidaturas trans são um avanço na luta por representatividade e políticas públicas mais inclusivas.

A literatura e a arte trans têm conquistado maior visibilidade, trazendo narrativas reais e autênticas sobre a experiência trans. Escritores, cineastas e artistas trans estão ampliando a diversidade de vozes na cultura.

A tecnologia tem sido uma aliada na visibilidade trans. Redes sociais e plataformas digitais possibilitam a troca de informações, a formação de comunidades e a denúncia de violações de direitos.

A resistência trans tem sido um pilar fundamental para avanços sociais. A história da militância trans é marcada por lutas por reconhecimento, dignidade e justiça social.

A autoaceitação é um processo essencial para pessoas trans. Lidar com a identidade de gênero em uma sociedade cisnormativa pode ser desafiador, mas o apoio de amigos, familiares e profissionais faz toda a diferença.

A família pode ser um espaço de acolhimento ou de rejeição para pessoas trans. O apoio familiar é um fator determinante para o bem-estar e o desenvolvimento saudável da identidade de gênero.

A masculinidade e a feminilidade são conceitos que vão além das normas tradicionais. Pessoas trans desafiam essas construções sociais, mostrando que gênero é uma experiência individual e subjetiva.

O futuro da comunidade trans depende do compromisso coletivo com a equidade e o respeito. Educação, políticas públicas e representatividade são ferramentas fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

A transgeneridade não é uma questão de moda ou ideologia, mas uma realidade vivida por milhões de pessoas ao redor do mundo. O respeito à identidade de gênero é um princípio básico dos direitos humanos, e o reconhecimento dessa diversidade é um passo essencial para uma sociedade mais igualitária.

AMOSTRA